

SOBRE ARMADILHA DA IDENTIDADE: RAÇA E CLASSE NOS DIAS DE HOJE

ABOUT THE IDENTITY TRAP: RACE AND CLASS TODAY

Diógenes Fagner de Lima¹

<https://orcid.org/0000-0002-2328-7353>

Para os antirracistas brasileiros de hoje, marcados pelas transformações políticas da última década e, atualmente, sob a dura realidade de um governo de extrema direita, a recente obra do historiador paquistanês/estadunidense Asad Haider bem que poderia portar a seguinte dedicatória comum: “Calma, companheiros, conosco também foi assim!”, tamanhas as similaridades dos problemas vivenciados pelo antirracismo nos Estados Unidos da América (EUA) e no Brasil. Ao tratar da política identitária nos EUA, o livro ora resenhado nos fornece pistas teóricas importantes sobre os dilemas da luta contra o racismo em nosso país.

Armadilha da Identidade: raça e classe nos dias de hoje (2019) trata da gênese, da especificidade, da função e da necessidade de superação de uma corrente política, a política identitária, na história recente dos EUA. Ao longo de seis capítulos, o autor conjuga relato pessoal, debate histórico, teórico e político com grande competência. Nesse percurso, Haider parte da sua individualidade para, ao final, entregar um construto teórico da totalidade das relações sociais que

compuseram o fenômeno da política identitária nos EUA nas últimas décadas.

Dividido entre os EUA e o Paquistão, Haider nos conta da dificuldade de determinar com firmeza a sua identidade. Para ele, a identidade desde cedo se apresentou com um caráter evanescente até que, subitamente, essa fluidez foi cristalizada quando do ataque às Torres Gêmeas em 2001. Nas suas palavras: “minha identidade se tornou uma questão de segurança nacional” (HAIDER, 2019, p. 18).

Ainda na escola, teve acesso à autobiografia de Huey P. Newton (1942-1989), membro do Partido dos Panteras Negras. Admirava o fato de Newton ter se lançado para além de sua identidade em busca de solidariedade com países como Cuba, China, Palestina e Vietnã.

Seja em Newton ou Malcolm X (1925-1965), Haider encontrou exemplos reais da máxima comunista “trabalhadores do mundo, uni-vos”. Diante do sofrimento do mundo, muitos se apegaram ao consolo do nacionalismo reacionário e outros se apegaram ao consolo da identidade. Asad Haider, contra a corrente, aderiu à possibilidade de uma solidariedade revolucionária global.

¹ Professor de Sociologia da rede estadual de ensino da Paraíba, mestre em Ciências Sociais (UFRN) e graduado em Ciências Sociais (UFRN).

Acerca do problema da identidade, lemos:

Identidade é um fenômeno real: ela corresponde ao modo como o Estado nos divide em indivíduos e ao modo que formamos nossa individualidade em resposta a uma ampla gama de relações sociais. Ela é, no entanto, uma abstração. Uma abstração que não nos diz nada sobre as relações sociais específicas que a constituíram (HAIDER, 2019, p. 35).

Compreende-se, assim, que identidade não é o mesmo que política identitária. Dito isso, em sendo a identidade algo constante na sociabilidade humana, qual seria a particularidade da política identitária?

No transcurso do livro, como já assinalado, Haider salta do relato autobiográfico para a história objetiva da tendência política que ele se propõe a elucidar. Assim, lemos que a expressão “política identitária”, quando cunhada pelo *Coletivo Combahee River*², em 1977, tinha o objetivo de enriquecer a luta de classes, o que, posteriormente, não se objetivou.

A política identitária, na realidade social objetiva, colocou-se contra a luta de classes. Por exemplo, os seus postulados foram utilizados pela candidata democrata Hillary Clinton, nas eleições de 2016, para minar a candidatura do socialista

democrático Bernie Sanders. O objetivo das ativistas do coletivo revolucionário não teve força para se impor sobre as determinações daquele momento histórico que, hoje, sabemos tratar-se de um momento de reestruturação do capitalismo, ascensão do neoliberalismo e nascimento da teoria social pós-moderna (EVANGELISTA, 2007).

Em termos lógicos, política identitária pode ser definida como a neutralização de movimentos contra a opressão racial. É a ideologia que surgiu para apropriar o legado emancipatório dessa luta e colocar a das classes dominantes – Movimento pelos Direitos Civis³ e Partido dos Panteras Negras⁴.

O Partido dos Panteras Negras, referência basilar do autor, reconhecia a especificidade da opressão racial, mas entendia que a luta contra o racismo teria de caminhar ao lado da luta contra o capitalismo. Do contrário, corria-se o risco de se efetivar no contexto da segurança pública estadunidense a violência de policiais brancos e negros, e, num nível mais profundo, a dominação de uma burguesia branca e negra.

Na história dessa corrente política nos EUA, aos poucos, o legado dos movimentos de massa foi sendo esvaziado por uma elite multicultural e, conseqüentemente, a luta antirracista foi se restringindo a uma espécie de policiamento da linguagem e da

² O *Coletivo Combahee River* foi um coletivo de feministas negras que atuou em Boston entre as décadas de 1970 e 1980. Ver a tradução do Manifesto do Coletivo Combahee River em <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159864>.

³ O Movimento pelos Direitos Civis consistia em diversos embates protagonizados pela população negra, principalmente nos Estados Unidos, entre as décadas de 1950 e 1980. Esses embates buscavam leis iguais para todas as camadas da população, independentemente de sua cor e de sua classe social.

⁴ O Partido Panteras Negras buscava a eliminação da violência exacerbada cometida contra a população negra norte-americana na década de 1960. Ver mais em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/os-panteras-negras-e-o-movimento-racial-nos-eua.htm>.

culpabilização dos brancos, enquanto as desigualdades abissais continuaram intactas.

Ao percorrer os capítulos 2 – Contradição entre as pessoas – e 4 – Passing –, nós nos deparamos com os desdobramentos práticos da política identitária no interior do contexto geral de reestruturação do capitalismo contemporâneo. Contraditoriamente, na época do *Combahee River*, em 1977, a experiência dos humanos se tornou radicalmente genérica com a globalização e isso não resultou em mais prosperidade e felicidade, mas num aprofundamento do individualismo, o que foi posto como base objetiva para distorções como a identidade fixa da política identitária (LESSA, 2004).

Nessa linha, poderíamos afirmar, que a obra resenhada nos apresenta elementos para um fenômeno que, quase que em paralelo, realizou-se plenamente na realidade política do Brasil, de forma acelerada, sobretudo a partir da politização das jornadas de junho de 2013. Quantos de nós, na luta antirracista dos últimos anos no Brasil, não nos deparamos com disputas, fragmentações, desentendimentos e fracassos em experiências semelhantes às relatadas por Haider em sua estadia na Universidade da Califórnia de Santa Cruz (EUA)? No exemplo referido, a partir de desdobramentos do movimento *Black Lives Matter*⁵ (BLM), a aliança entre estudantes e trabalhadores contra privatizações terminou em silenciamento, em fragmentação e em disputas destrutivas por protagonismo.

Inspirados em Haider, poderíamos nos perguntar sobre os resultados objetivos do antirracismo brasileiro de 1978, com a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), depois com a Marcha de Zumbi em 1995, com a Conferência de Durban em 2001, e com as políticas de igualdade racial nos governos petistas (2003-2016). Como poderíamos pensar a elevação da ação afirmativa como horizonte máximo de reivindicação do antirracismo no Brasil quando hoje, mantida essa política, as Universidades Públicas brasileiras padecem de um amplo desmonte?

Enfim, *Armadilha da Identidade* é, ao mesmo tempo, uma obra de crítica e de expressão de autocrítica, retrato dos erros do antirracismo nos EUA, contribuição intelectual que, além do objeto que elucida, apresenta para nós, leitores brasileiros, elementos pertinentes de comparação como o que se deu com o antirracismo em nosso país. Por último, façamos como afirma em prefácio o professor Silvio Almeida que, em meio à escrita do seu *Racismo Estrutural* (2019), parou para conhecer essa obra e admirar o seu destemor na crítica de uma corrente política hegemônica e na defesa da radical historicidade das relações humanas.

⁵ O Movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam) consiste em embates originados por pessoas negras em busca de segurança. O movimento tomou força no ano de 2021, após o assassinato de um homem negro (George Floyd) pela polícia civil estadunidense. Ver mais em: <https://www.ufes.br/conteudo/estudo-aponta-black-lives-matter-internacionalizou-debate-da-violencia-contra-negros>.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; 2019.

EVANGELISTA, J. E. **Teoria Social Pós-Moderna**: introdução crítica. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007. 197 p.

HAIDER, A. **Armadilha da identidade**: raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Editora Veneta, 2019.

LESSA, S. **Identidade e Individuação**. Katálysis, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 147-157, 2 jul. 2004. Mensal.